

A Educação Ambiental como alternativa ao trote tradicional: uma experiência no Campus da UFG.

OLIVEIRA, Marcus Vinicius de Melo^{1,2}; **ARAÚJO**, Walter Santos de¹
GONZAGA, Augusto Francener Nogueira¹; **LOUSA**, Túlio Costa¹; **NETO**, Manuel Barbosa¹.

Introdução

A Educação Ambiental é bastante caracterizada por sua interdisciplinaridade e por sua abrangência aos mais variados temas que dizem respeito à natureza e a ação antrópica. Segundo Tristão (2005), ela está ligada a dois desafios vitais, que são a questão da perturbação dos equilíbrios ecológicos e a questão da educação. Ambas as questões são produtos de um modelo de desenvolvimento socioeconômico, que é indiferente à problemática ambiental. Entretanto, a Educação Ambiental nos últimos anos vem oferecendo suporte teórico-prático para essa problemática.

São comuns em diferentes grupos sociais, várias concepções de natureza, que geralmente são confundidas com meio ambiente, o que não condiz com a realidade. Essa idéia de meio ambiente como sinônimo de natureza, ignora a presença humana, não atribuindo nenhuma relação do homem com a ecologia ambiental. A presença do homem, em maior ou menor intensidade, é fundamental para manutenção do equilíbrio ecológico no meio ambiente, visto que, ele ocupa um nicho - tendo um papel ecológico - como todos outros seres. Assim, o homem é parte do meio ambiente, influenciando e sendo influenciado por ele.

E como emerge a complexa relação entre sociedade e meio ambiente? Um dos objetivos da Educação Ambiental, à luz do pensamento crítico, é aproximar a sociedade das questões ambientais, na tentativa de levá-la a compreender a importância das interações que constituem o meio, tanto bióticas quanto abióticas. A Educação Ambiental busca socializar o homem com a natureza, de forma que restabeleça seu papel junto a esta e volte a respeitá-la. Nesse sentido, a Educação Ambiental é um "elo" de ligação homem-natureza. Contudo, esse restabelecimento não ocorre, sem que antes a sociedade entenda a importância do convívio harmônico social, homem convivendo com homem. Segundo Lima (1999), a questão ambiental, neste contexto, define, justamente, o conjunto de contradições resultantes das interações internas ao sistema social e deste com o meio envolvente. E por isso, que a Educação Ambiental, busca ainda a socialização humana, como passo primordial para o restabelecimento do homem como atuante ambiental.

Nesse contexto, várias atividades são realizadas com o intuito de aproximar o homem da natureza, ressaltando sua interligação entre economia, política, sociedade e as questões ambientais (Jacobi, 2005). No entanto, muitas dessas atividades ... As premissas teóricas em torno do diálogo de saberes entre educação e meio ambiente, nas suas múltiplas dimensões e como campo teórico em construção, têm sido apropriadas de formas diferentes pelos educadores ambientais, que buscam uma nova transversalidade de saberes, um novo modo de pensar, pesquisar e elaborar conhecimento, que possibilite integrar teoria e prática

A Educação Ambiental pode ser instrumento de socialização. Mas como ela pode ser uma alternativa ao trote violento? O trote é uma das identidades culturais mais

tradicionais nas universidades. Ele marca o início da vida acadêmica de todos os estudantes universitários e é um momento de interação, socialização e descoberta. É durante o trote, que geralmente os estudantes se conhecem e se interagem, o que é estendido por toda a vida acadêmica.

Contudo, a alegria da entrada dos chamados "calouros" na universidade é rapidamente substituída pelo medo e pela repressão nos tradicionais rituais de recebimento, promovido pelos estudantes dessas universidades. O trote, nos últimos anos, vem sendo sinônimo de humilhação, vergonha e medo para os estudantes recém ingressos. O que na essência era um momento de expectativa e descoberta tem se transformado em trauma. Por esses motivos o trote, que é uma das identidades da universidade, está sendo proibido por leis e resoluções, sendo alvo de críticas de muitos.

Desse modo, o objetivo desse trabalho foi apresentar por meio da Educação Ambiental, uma alternativa ao "trote", especificamente à Resolução ECU nº 002/96, preservando, assim, as ações de boas vindas aos calouros, características do ingresso na universidade, bem como promover a socialização dos "calouros" recém-ingressos com os estudantes da universidade.

Material e métodos

Na manhã do dia 17 de março de 2006 foi promovida pelos estudantes de graduação do curso de Biologia do Instituto de Ciências Biológicas da UFG, uma atividade teórico-prática de Educação Ambiental com os "calouros" do curso. A atividade foi realizada com cerca de 30 "calouros" e constituiu-se de uma palestra expositiva, seguida de uma atividade campo, que foi o reflorestamento de uma área localizada no próprio Campus da Universidade.

Durante a palestra, foram abordados temas conceituais sobre Educação Ambiental, Características gerais do Cerrado e Ecologia. Essa palestra pretendeu familiarizar os estudantes recém-ingressos com questões ambientais relevantes, tais como, destruição de ambientes naturais, impactos ambientais, antropização, entre outros. Procurou-se interagir com os estudantes, buscando saber suas concepções sobre tais temas. De modo conciso, objetivou-se despertar os estudantes para questões ambientais, conscientizando-os de seus papéis - como cidadãos e como futuros biólogos - diante desses fatos.

Em seguida teve início o reflorestamento de uma área de aproximadamente 4.000 m² localizada às margens de uma Mata Mesófila Semidecídua, próximo ao Colégio Aplicação, no próprio Campus da UFG. Para realização do reflorestamento, foram formadas 10 equipes com quatro integrantes, três calouros e um monitor ("veterano"). A formação de equipes foi com o objetivo de socializar e estimular o trabalho em grupo entre os estudantes. Cada equipe foi responsável pelo plantio de uma espécie de planta.

Foram utilizados no reflorestamento 10 espécies de árvores pioneiras, 30 mudas de cada espécie, totalizando 300 mudas típicas das formações de mata do bioma Cerrado. Os nomes científicos e populares das plantas utilizadas estão apresentados na Tabela 1.

Nome científico	Nome popular
<i>Anadenanthera macrocarpa</i> Benth.	Angico vermelho
<i>Bauhinia forficata</i> Link.	Pata-de-vaca
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Jequitibá
<i>Cecropia pachystachia</i> Trec.	Embaúba
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba
<i>Inga cylindrica</i> (Vell.) Mart.	Ingá
<i>Inga uruguensis</i> Hook. & Arn	Ingá banana
<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	Jacarandá branco
<i>Schizolobium parahyba</i> Vell.	Guapuruvú
<i>Triplaris brasiliana</i> Cham	Pau Formiga

Tabela 1. Lista de espécies utilizadas no reflorestamento.

O reflorestamento familiarizou os estudantes as essas espécies, bem como apresentou as técnicas e metodologias para realização de reflorestamentos, enfatizando a importância deste para educação ambiental e ainda para recuperação de áreas degradadas.

Posteriormente ao reflorestamento, foram aplicados questionários com 15 questões objetivas e concisas, para avaliar a aprovação dos estudantes e a compreensão do objetivo proposto pela atividade.

Resultados e Discussão

Após a atividade foram aplicados questionários a todos os estudantes participantes a fim de se avaliar a aprovação dos estudantes e a compreensão do objetivo proposto pela atividade. Observou-se que cerca de 96,55% dos calouros entendeu a importância do reflorestamento para a preservação do meio ambiente e o aprovam como ferramenta de Educação Ambiental; 75,86% observam que a partir do projeto houve uma maior integração com os veteranos.

A totalidade dos calouros não se sentiu humilhada, constrangida ou com sua liberdade ferida, e 72,41% destes concordam que atitudes assim são uma boa alternativa ao trote tradicional.

Enfim, 55,17% afirmam que projetos assim devem ser continuados, porém melhorados; e 44,82% aprovam integralmente a continuação desses projetos.

Os resultados obtidos sobre a percepção que o calouro tem do reflorestamento em relação à educação ambiental apontam o êxito alcançado na atividade teórico-prática como um todo. Afinal, a mesma contribui para a reflexão da problemática que permeia o meio ambiente e instigou o “calouro” a pensar sobre alternativas de retificar este problema.

Vê-se que o Trote Ecológico apresentou expressiva aceitação entre os calouros, atribuindo à iniciativa uma alternativa ao trote tradicional. Observa-se, portanto, que a Resolução ECU 002/96 não tem qualquer efeito sobre o projeto, tendo em vista que não expôs o calouro (de acordo com seu próprio juízo aferido no questionário) a qualquer constrangimento e cerceamento de sua liberdade individual.

A atividade atendeu, segundo ainda sua percepção, a importante necessidade de integração de calouro/veterano, excluindo a permanência das práticas que integram o trote tradicional.

Acreditamos, pois, finalmente, que atividades assim devem ser continuadas pelo curso de Biologia e, também, incentivamos que outras faculdades desenvolvam seus próprios projetos.

Ao CEGEF-UFG e SEMMA-Goiânia pelo apoio e ao Departamento de Biologia Geral – ICB.

Referências bibliográficas

JACOBI, P.R.. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, v. 118, p. 189-205, 2003.

JACOBI, P.R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 2, p. 234-250, 2005.

TRISTÃO, M. Tecendo os fios da educação ambiental: o sujeito e o coletivo, o pensado e o vivido. *Educação e Pesquisa* v. 31, n. 2, p. 251-264, 2005.

1. Estudantes do Curso de Biologia da UFG; 2. Estagiário da Secretaria do Meio Ambiente – SEMMA. (oliveira_mvm@hotmail.com)